



Organizadores

Cecil José Rezze | Celso Antonio Vieira de Camargo |
Evelise de Souza Marra

PSICANÁLISE

Bion: a décima face

Novos desdobramentos

Blucher

BION: A DÉCIMA FACE

Novos desdobramentos

Organizadores

Cecil José Rezze

Celso Antonio Vieira de Camargo

Evelise de Souza Marra

Bion: a décima face: novos desdobramentos

© 2018 Cecil José Rezze, Celso Antonio Vieira de Camargo e

Evelise de Souza Marra (organizadores)

Editora Edgard Blücher Ltda.

Imagem da capa: iStockphoto

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar
04531-934 – São Paulo – SP – Brasil
Tel.: 55 11 3078-5366
contato@blucher.com.br
www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme
5. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua
Portuguesa*, Academia Brasileira de Letras,
março de 2009.

É proibida a reprodução total ou parcial por
quaisquer meios sem autorização escrita da
editora.

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard
Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação
na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Bion : a décima face : novos desdobramentos
/ organizadores : Cecil José Rezze, Celso Antonio
Vieira de Camargo, Evelise de Souza Marra. – São
Paulo : Blucher, 2018.
264 p.

Bibliografia
ISBN 978-85-212-1306-2

1. Psicanálise 2. Bion, Wilfred R. (Wilfred
Ruprecht), 1897-1979 - Crítica, interpretação, etc.
I. Rezze, Cecil José. II. Camargo, Celso Antonio
Vieira de. III. Marra, Evelise de Souza.

18-0431

CDD 150.195

Índice para catálogo sistemático:
1. Psicanálise

Conteúdo

Apresentação	7
1. Atitude psicanalítica	13
<i>Antônio Carlos Eva</i>	
2. Sensibilidade, vulnerabilidade e fragilidade no processo analítico: algumas considerações sobre o conceito de simetria e interpretação na obra de Bion	21
<i>Arnaldo Chuster</i>	
3. Expansão do universo mental em vida face à morte	49
<i>Antônio Muniz de Rezende</i>	
4. A dor psíquica na visão de Bion	77
<i>Luiz Carlos Uchôa Junqueira Filho</i>	
5. Opinião e conveniência do analista?	89
<i>Paulo Cesar Sandler</i>	

6. A linguagem de êxito e a importância do imaginário na prática da psicanálise e no seu desenvolvimento	139
<i>Claudio Castelo Filho</i>	
7. Bion: o autor na obra	151
<i>João Carlos Braga</i>	
8. Introdução às ideias de Bion	181
<i>Cecil José Rezze</i>	
9. “... em uma sessão, estou interessado naquilo que não sei”	203
<i>Antônio Carlos Eva</i>	
10. Intuição vivida ⇔ ilusão, engano e mentiras: uma contribuição à observação psicanalítica	209
<i>Deocleciano Bendocchi Alves</i>	
11. Os desconhecidos, dentro e fora do <i>conhecer</i>	233
<i>João Carlos Braga</i>	
12. Receptividade e submissão ao infinito da experiência	247
<i>Julio Frochtengarten</i>	
Sobre os autores	259

1. Atitude psicanalítica

Antônio Carlos Eva

Procuo, no presente escrito, valer-me da minha trajetória como psicanalista; usarei esta dimensão para apontar como vejo os elementos que importam na minha teoria e prática.

Trata-se, pois, de uma atitude pessoal, única, que vai se desenvolvendo com o passar do exercício clínico e teórico em psicanálise, os quais estão intimamente ligados e são interinfluenciáveis.

Proponho que o encontro dessa atitude psicanalítica é consequência de inúmeros fatores, quase infinitos, e vou me aproximando de alguns e me afastando de outros, que já foram próximos e úteis. Tentarei, agora, descrever alguns deles, na medida em que minhas forças mentais o permitirem.

Pretendo realizar um ensaio, como descoberto por Montaigne (1533-1592), no qual conclusões fortes e definitivas não estão presentes; o que escrevo, espero que sirva como estímulo para o patrimônio psicanalítico de cada um de nós.

Faço isso porque, acima de tudo, a atitude psicanalítica é um todo em andamento, que didaticamente contém uma parte estável,

central, a qual influencia e é influenciada continuamente por fatores ligeiros e leves que aparecem no dia a dia, quer na dimensão clínica e prática, quer nas teorias das quais me aproximo e tenho alguma compreensão; como disse, sempre em andamento. Ainda assim, há a dimensão estável e central, que, no meu senso comum, parece constante e à margem do dia a dia.

A teoria central que uso privilegia a experiência emocional presente no encontro psicanalítico, da qual decorrem concepções e compreensões até formarem uma teoria psicanalítica pessoal.

Sem sombra de dúvida, o autor que mais me influenciou nos últimos trinta ou quarenta anos é Bion, com sua extensa obra publicada, a minha compreensão da obra de Bion vai sendo por mim transformada a cada aproximação que faço dela.

Penso que o centro de minha atitude clínica pode ser filiado à ideia d'O *aprender com a experiência*, que, em livro, foi publicado em 1962. De lá para cá, penso haver um período de “lua de mel” com a teoria de aprender com a emoção presente, na qual a “experiência emocional presente” era o todo do trabalho clínico. Passado e futuro, bem como os fatos em si, compartilhados ou relatados, pouca importância apresentavam para o desenvolver de pensamento, que acontecia por acúmulo de elementos α , lugar de onde se formava o conhecimento.

A “lua de mel” noticiada anteriormente durou muitos anos, mas, progressivamente, foi-se percebendo que ela estava infiltrada por elementos psicanalíticos outros, que estão em outra dimensão que não a experiência emocional presente e “pura” do aprender com a experiência presente e só.

Esse novo conjunto deve necessariamente conter e englobar o aprender com a experiência emocional presente; deve, necessariamente, contê-la, mas é mais complexo do que ela; abriga dimensões

variadas, algumas das quais irei apresentar mais adiante. Como é um conjunto emocional, é impossível traçar limites objetivos entre seus componentes.

Esse conjunto constitui um patrimônio. Cada um de nós nasce com parte dele, e ele é modificado com o passar da experiência de vida e de psicanálise em particular. Ele se incorpora à nossa atitude mental e influencia, poderosamente, a nossa aproximação do presente. O patrimônio citado oferece um ângulo novo a cada vez que me aproximo dele, e no meu entender, esse novo é praticamente inconsciente. O patrimônio a que me refiro não está disponível para a minha consciência e para o meu raciocínio em especial. Não é para meu uso consciente, mas está instalado e constitui minha personalidade, da qual decorre “quem eu sou”; melhor seria dizer “quem eu estou”, se me aproximo da teoria.

Uma decorrência estratégica e vital desse entendimento se manifesta na escolha atual em nossos institutos de psicanálise. A cada dia, o interesse maior e central se encaminha para a personalidade do formando, que perdeu o paraíso de ser neutra ou resolvida e sem influência no que se vive; dessa proposta decorre que cada um de nós vê de maneira única e pessoal o que é a vida, por isso prioriza e percebe como importante a clínica e teoria que “criamos” e que vai constituir o patrimônio psicanalítico de cada um, compartilhado à medida que é publicado. A publicação ocorre de várias formas, uma delas acontecendo agora, por exemplo, por meio deste escrito que é intuído, percebido e examinado pelo outro.

Com o passar do tempo, vou me aproximando de uma proposta revolucionária, que está explicitada por Bion desde a década de 1960 e que vai progressivamente sendo percebida. Ela sinteticamente pode ser assim escrita hoje: suponho que a concepção de Bion de que o pensamento, o conhecimento consequente, se dá por uma emoção; a emoção como base do pensamento revoluciona e

subverte a antiga concepção de que o pensamento se dá fora da área das emoções. Acredito que esta revolução não pode ser aceita de maneira pacífica e fácil; ela provoca retornos, minuto a minuto, à área do pensamento objeto racional e só. Admitir a razão, a racionalidade como uma forma elaborada do pensar, protegida das emoções, está em andamento aos trancos e barrancos.

Abro, agora, uma divisão em que uma parte é falar sobre psicanálise, que é o que faço agora, e a outra parte, outra dimensão, é a que se refere a fazer psicanálise, viver psicanálise, que se dá essencialmente, ou exclusivamente, na psicanálise clínica, na sessão psicanalítica.

Hoje a psicopatologia do analisando, em decorrência dessa posição, perde força e essência, abrindo caminho para a psicanálise que se centra na experiência emocional presente, que depende clinicamente do ângulo, ou dimensão, ou viés, no qual me posiciono e valorizo, utilizando para isso meu patrimônio citado acima.

Cada um de nós, penso eu, em atividade clínica e teórica utilizará a dimensão de falar sobre psicanálise, fora do consultório psicanalítico; e vivendo e exercendo a dimensão de estar em psicanálise dentro dele. Nessas dimensões temos a condição favorável, de perceber quão única e pessoal é nossa atitude. Para isso precisamos, quer na clínica, quer na dimensão teórica, de capacidade de suportar o que o outro vê e intui na situação, e que é necessariamente diferente do que vejo e intuo.

Chamo de respeito um elemento essencial para a psicanálise que se centra no aprender com a experiência emocional presente; pois, se desrespeitamos o outro enquanto diferente de nós e se com isso ele deixa de ser uma pessoa, não é possível aprender com a experiência, uma vez que certamente utilizaremos memória e desejo para caracterizar e nomear o que percebemos. Isto vale,

nunca é demais lembrar, para mim e para o outro; vale para o par psicanalítico.

Loucura, burrice, psicopatia, psicose, neurose, regressão, transferência e contratransferência são nomes que são usados, com muita frequência, para substituir respeito e compreensão diante do outro diferente de mim. Proponho que minha função psicanalítica não é esclarecer para o outro o “certo” ou “normal” que está em mim. A atitude psicanalítica é participar da experiência no encontro psicanalítico em andamento.

As descrições clínicas mais frequentes que fazia antigamente, mas que, vez por outra, faço no presente com meus analisandos e que estão apoiadas em teorias de personalidade que, por sua vez, se apoiam em certa psicopatologia compatível com as mesmas teorias, foram progressivamente ganhando uma compreensão de que elas são decorrentes do interesse e foco que emprego. Por assim dizer, nascem do encontro para formar-se e robustecer-se. São, penso eu, consequência do entrechoque das duas personalidades ali presentes.

Acredito firmemente que hoje o analisando é visto por meio de minha atitude psicanalítica, a qual forma o meu patrimônio psicanalítico, sempre em mudança. É por meio desse patrimônio que cada um de nós intui, percebe e deduz as características mentais de quem está diante de nós; quando possível, do par formado.

Proponho que o analisando em contato com o analista será atraído para o que prevalece na mente do analista. Bion diz, por várias vezes, em sua obra, que a área de trabalho psicanalítico está onde se dá o conhecimento (K). É vedado ao analista, enquanto trabalha com a experiência emocional presente e possivelmente compartilhada com o analisando, viver e priorizar as dimensões pessoais de amor e ódio, pois estas não levam ao conhecimento emocional, por si mesmas.

Os institutos de psicanálise, em particular o de nossa Sociedade, na qual milito e a qual influencio, oferecem ao analista dimensões variadas de aprendizado: análise didática, supervisões, seminários clínicos, cursos teóricos, além da convivência em grupo para a maioria das atividades. Espera-se, com isso, que cada um de nós mergulhe no ambiente de modo a construir uma atitude psicanalítica pessoal e em andamento, o que acontece a cada momento, inclusive neste momento em que apresento este escrito, esperando que seja uma gota dessa atitude.

Cada um de nós, sem cessar, ativamente, vai colhendo alguns elementos dessa imensidão oferecida e vai formando sua própria concepção de psicanálise. Ela continuamente agrega fatores e descarta outros, já existentes, mas que perdem a atualidade; não se encontram mais em uso. O essencial e o básico dessa construção são feitos de modo inconsciente, não podendo, pois, ser objetivamente apresentados.

Na minha experiência, levei muitos anos para que pudesse formular um conjunto dinâmico de elementos, que são o que percebo como centrais e essenciais, como patrimônio, e que me orientam na clínica e conseqüentemente também na teoria.

Apontarei apenas que o centro de meu interesse, quando estou psicanalista de acordo comigo mesmo, é o que chamo de experiência emocional, desejavelmente compartilhada, ao menos em parte, fator básico e essencial para aprender na experiência e desenvolver pensamentos que convivem sempre com elementos de “não pensamento”, que constituem o que chamo de função psicótica da personalidade.

A seguir menciono os trancos e solavancos que Bion e, em seguida, eu mesmo sofremos, cada um à sua maneira e com seu patrimônio, com o aparecimento da teoria das transformações; de funções que vão além do conhecimento; ou funções acontecendo

diferentemente do que nomeio experiência emocional (K); elementos que por vezes são chamados o “sendo” na vida toda, mesmo antes do nascimento biológico; e de dimensões que vão além do tradicional campo de experiência emocional presente, base para o pensamento e função α . Inserem-se aí as ideias de pensamento sem pensador, de pensamentos selvagens, que procuramos domesticar; outras funções que estão em área nem consciente, nem inconsciente etc. Proponho que estes agregados à teoria inicial da experiência emocional presente decorrem das dificuldades que vamos apurando na clínica, as quais restringem e por vezes impedem o ato de fé; estes novos elementos acrescentados procuram ser uma complementação da teoria das emoções anteriormente apresentada; procuram supri-la de novas dimensões.

Acrescentei, dentro dessa atitude psicanalítica, o ato de fé que me permite estar disponível para a emoção vivida. O ato de fé cria uma “força” para me manter no que percebo do presente vivido; para não me afastar do que percebo nem substituí-lo por “algo melhor e maior”.

Tomando o pensar como emoção que se dirige ao que se experimenta no presente, é preciso explicitar que o que chamo de aprender na experiência que vivo à qual atribuo “modificação positiva” (criação de elementos α) está dependente do que vejo, intuo, percebo e dessa qualidade que lhe dou: “para a frente e positiva”. Essa qualidade, certamente, me propicia uma emoção que me leva a acreditar que o que vivo e vivemos ali é bom para a vida; para a minha e para a do outro.

Reafirmo que se trata de um ato de fé para o que faz crescer, evoluir, desenvolver e que aponta para um novo maior e melhor: vida, em suma.

Quero afirmar que o que escrevo é decorrência do ideal psicanalítico que invento; serve como meta ou destino a ser procurado.

Aponto como estímulos imediatos para o que escrevo aqui um texto meu, inédito, preparado para a aula inaugural de nosso instituto no primeiro semestre de 2017. Além dele, o texto de W. R. Bion, *Domesticando pensamentos selvagens*, traduzido por Luiz Carlos Uchôa Junqueira Filho.



Clique aqui e:

[Veja na loja](#)

Bion: A Décima Face

Novos Desdobramentos

Cecil José Rezze (organizador)

Celso Antonio Vieira de Camargo (organizador)

Evelise de Souza Marra (organizadora)

ISBN: 9788521213062

Páginas: 264

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2018
